

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Última Hora*

Class.: 333

Data: 28.09.84

Pg.:

Índios alegam estar cercados por pistoleiros

Mais: "fizeram a cabeça do Juruna"

Nise Quintas e
Marcos Oliveira
enviados especiais

Governo Federal
Ministério do Interior
Fundação Nacional do Índio
(Funai)

ÁREA PROIBIDA
Reserva Indígena com acesso
interditado a pessoas estranhas.
Artigo 18 - Parágrafo 1º da
Lei 6.001/73

Artigo 161, do Código Penal

Estes são os dizeres da placa instalada na entrada da Fazenda São Lucas, onde há, antes de um mata-burro, uma grossa corrente de ferro, com cadeado. Olhando para dentro da área, percebe-se ainda a presença dos carros que não puderam sair quando da visita do cacique Juruna e sua comitiva, e algumas palhoças construídas pela Funai, depois da invasão, para os habitantes da São Lucas.

O primeiro contato foi um tanto arduo, por parte do primeiro a chegar à entrada da área, de nome Oswaldo Pataxó. Logo após retornar à sede da fazenda com os documentos da reportagem, chegou o líder da comunidade, Cacique Saracura, de cabeça um pouco abaixada e guardando certa distância, como que receoso de quem o aguardava. Logo depois, foram chegando um e outro e, ao final, dez a doze índios encontravam-se na entrada da Fazenda São Lucas.

Segundo Saracura, que falava sempre com irritação e bastante nervoso, a única coisa que os índios querem é terra para poderem viver e trabalhar em paz. "Essa terra é, e sempre foi nossa. Estamos vivendo como podemos, sem sossego e sem dormir. Os grileiros não param de nos ameaçar, e todos os dias passam aqui pela entrada atirando para o ar, nos intimidando e colocando nossas famílias em risco", disse Saracura.

Após este primeiro contato, a reportagem pediu permissão para entrar, juntamente com ele, para que pudesse fotografar a área e ver a situação da comunidade mais de perto. No entanto, essa permissão não foi dada, segundo a explicação de Saracura, por não terem sido avisados previamente da chegada da reportagem ao local. Após a retirada de Saracura e seus companheiros de volta à sede, soube-se que a razão pela qual o cacique não permitiu a entrada seria o fato de Saracura encontrar-se só na sede da fazenda, pois todos os outros índios teriam saído para seus trabalhos nas lavouras.

O cacique Saracura, referindo-se ainda aos tiroteios que têm havido, afirmou que os fazendeiros que fazem limite com a Fazenda São Lucas estão, "todos eles, construindo pequenas palhoças para servir de abrigo aos seus pistoleiros". "Estes pistoleiros ficam nestas casas ameaçando todo índio que passa por lá, dizendo que vai matar e queimar todos nós, como faziam anteriormente, além de ficarem atirando", afirmou o cacique. "Isto revolta índio e se a Justiça não evitar, irá prejudicar nação dos índios e nação dos brancos também. Isso não pode acontecer e ninguém fazer nada", acrescentou.

Referindo-se à visita do deputado Mário Juruna, em agosto último, Saracura disse que até agora não consegue entender o que aconteceu com Juruna. "Não sei como fizeram a cabeça de Juruna. Ele foi traído ou se vendeu, não sei", afirmou. "Juruna chegou sem avisar, entrou na área com os fazendeiros atrás, muitos carros entrando na fazenda e cercando tudo, nós só podíamos nos defender. Não sabíamos o que estava acontecendo", explicou.

Convivência dia a dia com o medo

Saracura, ao ser questionado sobre as destruições que teriam feito na Fazenda São Lucas, mostrou-se bastante irritado, e disse com revolta: "Isso que tão falando é mentira. Tudo que tinha por aqui quando chegamos, o gado e os cavalos, foram entregues para esse Jener. Não ficamos com nada e jamais vendemos nada também. Não precisamos destes animais, como estão pensando. Vivemos da lavoura, da caça e da pesca e isso já dá para viver como queremos", afirmou.

O cacique, referiu-se ainda aos anos anteriores à invasão onde viviam, segundo ele, sempre preocupados em esconder suas verdadeiras identidades: "Foi uma época muito ruim para o índio". "Se eles soubessem que éramos índios, mandavam matar na hora, exatamente como aconteceu com meu tio, Mané Pataxó. Descobriram que era índio e assassinaram ele dentro da própria palhoça", explicou Saracura. "E assim passamos muitos anos, sempre fugindo pra aqui e pra ali, com medo de sermos mortos ou ver nossas famílias serem assassinadas", acrescentou.

Contou que um dia, então, se cansou de tanta miséria e resolveu começar a encontrar todos os que haviam fugido, ou então seus parentes, para que juntos, retornassem àquela terra que sempre fora sua. "Vimos que em outras terras não estava dando certo e resolve-

mos nos unir. Não teve apoio da Funai nem de nada. Foi com o peito e com a coragem mesmo", afirmou Saracura, fazendo gestos largos e falando alto. "E agora ninguém vai nos tirar daqui. Essa terra é nossa e aqui vamos ficar", disse.

Saracura contou ainda que, desde que invadiram a Fazenda São Lucas, não há mais sossego na cidade de Pau Brasil. Segundo ele, os fazendeiros estão pagando homens e até mesmo ciganos que moram nas proximidades da cidade para agredirem todos os índios que por ali passarem. "Estão querendo que a gente se isole aqui na área. Hoje mesmo dois de nós foram agredidos e apanharam muito de uns ciganos que, a mando dos fazendeiros, não os deixaram fazer a feira", explicou. "E todo dia é assim. Mal chegamos na cidade, somos agredidos, as pessoas xingam e nos tratam mal".

"A Justiça tem que resolver essa situação muito rápido. Aqui, está todo mundo muito tenso e tudo está perigoso demais", afirmou. "Estamos esperando a decisão do juiz e não aguentamos mais. Nós nascemos na área, há muitos anos nossos antepassados habitaram isso aqui tudo, e agora estes fazendeiros querem tomar. Se isso não resolver muito rapidamente, será muito ruim para a nação indígena e para a nação dos brancos, será muito perigoso". Concluiu.